



IGREJA EVANGÉLICA
PRESBITERIANA DE PORTUGAL

Evangelização, Ecumenismo e Europa

José Manuel Leite

Setembro de 1999

Dado que as três palavras escolhidas como título para este apontamento começam por **E**, ao conjunto delas me referirei como os "**3 Es**" das Igrejas europeias. Serei breve, quase mesmo telegráfico, mas gostaria de chamar a atenção dos que me lêem para a importância fundamental que cada uma delas encerra para a vida e o testemunho das Igrejas na Europa.

Evangelização – não lhe chamo "a nova evangelização" como tantos o fazem, para não dar a impressão que estamos a criar algo de novo, ou que a "velha evangelização" é para esquecer na sua globalidade (o que até é verdade quando a mesma se associou às práticas colonialistas e aos jogos dos poderes políticos e económicos). Evangelizar foi, é e será, tarefa primordial da missão confiada à Igreja. Já o apóstolo dizia: "Ai de mim se não evangelizar..." (1 Cor. 9, 16). Ai da Igreja se não evangelizar (será Igreja?! Ai de nós, cristãos, se não evangelizarmos (seremos cristãos?!)

Evangelizar é pregar, anunciar, partilhar o Evangelho. Não as doutrinas particulares de cada igreja, não os pontos de vista teológicos ou éticos, que variam constantemente. Evangelizar é anunciar a "Palavra que se fez carne" (João 1, 14), o Cristo, Filho de Deus, como Senhor e Salvador. Senhor nosso, Senhor da Igreja e Senhor da História. Evangelizar é colocar Jesus Cristo como referência na vida e na acção da sociedade. Evangelizar é lutar contra a crescente secularização, tantas vezes alicerçada nas filosofias da "morte de Deus" (de Nietzsche e outros). Evangelizar é saber dizer não aos poderes e tentações deste mundo (Luc. 4, 1-13), invertendo e destruindo a sua lógica materialista e as suas leis de mercado. Evangelizar é manifestar o compromisso solidário com o pobre, o marginalizado, o estrangeiro, o diferente. Evangelizar é, em última análise, saber agradecer a Deus a confiança que em nós depositou para sermos seus cooperadores no anúncio da sua Palavra. E se a Igreja não o fizer, quem o fará?

Ecumenismo – a evangelização tem de ser credível! Não pode cada igreja desenvolver os seus esforços neste campo ignorando as outras. Ainda mais: não podem as igrejas "evangelizarem-se" umas às outras desenvolvendo actividades proselitistas com a finalidade de aumentarem o número dos "seus rebanhos"! A realidade da separação das igrejas, e o não se entenderem entre si, põe em causa a credibilidade da acção evangelizadora.

Conscientes deste perigo, as duas grandes organizações representativas das igrejas europeias, a KEK (Conferência das Igrejas Europeias) e o CCEE (Concílio das Conferências Episcopais Europeias) elaboraram um documento intitulado "Charta Oecumenica" que foi enviado a todas as igrejas na Europa para estudo e posterior resposta. Nesse importante documento ecuménico, diz-se (II, 4):

"Perante o avanço da secularização e o recuo do cristianismo na Europa, queremos fortalecermo-nos mutuamente num testemunho comum da nossa fé, para a nova evangelização e missão conjuntas na Europa. Para tal, é indispensável restabelecer a confiança e o entendimento entre as igrejas de modo a evitar a competição negativa e o perigo de novas divisões. Aqui é importante fazer a distinção entre comunidades cristãs e seitas.

Comprometemo-nos a

- **discutir com as outras igrejas o nosso trabalho de missão e evangelização;**
- **não induzir pessoas a mudar a sua filiação eclesial e nunca usar a força física, a coacção moral, a pressão psicológica ou os incentivos materiais no sentido de levar as pessoas à conversão;**
- **apoiar a conversão das igrejas e fazer o possível para que tenham contactos abertos umas com as outras."**

Este é o desafio ecuménico que os responsáveis das igrejas europeias nos colocam. Estamos dispostos a aceitá-lo?

Europa – o terceiro dos "3 Es" refere-se ao nosso continente. O documento acima mencionado também a ele se refere. A igreja a que pertenço (presbiteriana) votou unanimemente, no seu último Sínodo, uma proposta sobre "A Europa que desejamos". A Igreja Católica vai reunir brevemente o Sínodo dos bispos europeus. Tudo isto mostra a responsabilidade das igrejas na formação da Europa no sentido que lhe deu o antigo Presidente Jacques Delors, quando criou o programa "Dar uma alma à Europa".

A Europa ainda é uma área privilegiada histórica, cultural, económica e socialmente. Daí as suas responsabilidades acrescidas para com outras áreas mais necessitadas. Por outro lado a Europa debate-se hoje com inúmeros problemas: desemprego, identidades nacionais, refugiados, número crescente de pobres, sérios problemas sociais, etc. Todos eles devem constar da agenda das igrejas e esperamos que elas façam o que estiver ao seu alcance.

Como "fermento no meio da massa" (Mat. 13, 33) e "sal da terra e luz do mundo" (Mat. 5, 13-14) não podemos, como discípulos e discípulas de Jesus Cristo, permitir que os dirigentes políticos europeus e as instituições que servem, construam uma Europa baseada nos números e não nas pessoas. Nem uma Europa fechada sobre si mesma. Nem uma Europa racista. Nem uma Europa onde os valores da paz, da reconciliação e da justiça social sejam letra morta. Isso as igrejas não podem tolerar.

Finalmente menciono, como desafio sério para reflexão, o seguinte: com todos os seus defeitos, é certo, a construção política, económica e social da Europa vai avançando. A mudança do seu nome é significativa, pois deixou de ser uma Comunidade e passou a ser uma União Europeia. E nós, igrejas? Que exemplo de união temos dado e vivido?